

## Escola da Ponte – Um projeto em constante evolução

**Jalusa Lima**

*In Práticas Textuais 17| 18*

ISBN 978-989-20-8480-0

### Como citar

Lima, J. (2018). Escola da Ponte – Um projeto em constante evolução. In N. Jorge, A. Coutinho, M. Fidalgo, R. Rosa (Eds.), *Práticas Textuais 17| 18* (pp. 60-70). Lisboa: NOVA FCSH-CLUNL.  
<https://run.unl.pt/handle/10362/42697>

# ESCOLA DA PONTE – UM PROJETO EM CONSTANTE EVOLUÇÃO

---

## Abstract

This article focuses on the project called “Fazer a Ponte” (Bridging the Gap) and looks at the structure, pedagogical organisation, and evaluation processes of Escola da Ponte. The current paper is based on a field research study and presents a reflection based on the confrontation between my perspective and that of other authors regarding the functioning of the school in question. A pedagogical organisation centred around the involvement of students, parents and educators, the use of modern digital resources, and individualised evaluation models define the school’s teaching methods, ensuring its success and continuity.

## 1. Introdução

No dia 02/10/17 participei numa visita guiada à Escola da Ponte, conhecendo alguns aspetos deste projeto de que tanto ouvira falar. Confrontada a minha experiência enquanto observadora com as leituras que fiz, fiquei com a mesma impressão de alguns dos autores dos estudos lidos, nomeadamente Morais (2016), Vasconcellos (2006) e Canário *et al.* (2003), cuja perspetiva é

### Jalusa Lima

Formada em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco (Brasil) e pós-graduada em Educação Especial na Universidade Signorelli (Brasil). Exerceu funções de docente, coordenadora e diretora pedagógica em instituições de ensino no Rio de Janeiro.

Atualmente encontra-se a concluir os pré-requisitos necessários para a admissão ao Mestrado em Ensino do Português, na Universidade NOVA de Lisboa.

E-mail:

[jalusa.lima@campus.fcsh.unl.pt](mailto:jalusa.lima@campus.fcsh.unl.pt)

### Keywords

Escola da Ponte  
Pedagogical organisation  
Digital resources  
Evaluation

referida ao longo do artigo: a admiração por ver crianças tão concentradas a estudar, felizes e orgulhosas do que faziam e do local onde estavam.

## 2. Métodos de ensino

Inicialmente, a instituição *escola* terá sido encarada como uma entidade concebida para o ensino de alunos, dirigida por professores através de uma educação que, embora tivesse o papel de evitar a degradação da sociedade, era privilégio de poucos. No passado, esta escola terá sido marcada por métodos de ensino passivos, em que o importante era aprender a memorizar conteúdos, com regras avaliativas rígidas, sem efeitos pedagógicos eficazes para o processo de aprendizagem.<sup>1</sup>

Piaget associa aos métodos passivos o facto de os educadores não se envolverem integralmente no processo de aprendizagem e de maturação de pesquisas:

Não restam dúvidas que os ministérios de educação são, sobretudo, constituídos por educadores, mas que apenas administram, não restando tempo para consagrarem a pesquisa (Piaget [1969]1985: 20).

De acordo com Saviani ([1944]1999), ao longo dos séculos, a educação passou por transformações, tendo dado origem a movimentos com métodos de ensino renovados, como a Escola Nova (Escolanovista) ou a Escola Moderna (Tecnicista). A Escola Nova é uma pedagogia que surgiu no final do século XIX na Europa, fundada por Adolphe Ferriere. Com essa pedagogia o importante era aprender para aprender e o professor era perspectivado como um auxiliar no desenvolvimento da criança, através da motivação na estimulação de problemas, isto é, de métodos de ensino ativos. A médica e pedagoga Montessori foi uma das pessoas que se converteram a esta pedagogia preocupada com os *anormais* (designação dada às crianças que, através de testes de personalidade e inteligência, demonstravam deficiências neurofisiológicas). Forjou-se, então, uma pedagogia que advogava um tratamento diferencial a partir da “descoberta” (Saviani, [1944]1999: 20). Embora tivesse uma base teórica sólida e tenha penetrado na cabeça dos educadores como um ideal, a Escola Nova não se conseguiu manter, tendo-se tornado viável apenas para as pessoas da alta sociedade. A Escola Moderna, por seu turno, ficou conhecida como modeladora do comportamento humano. Aqui, o

1. Este tipo de educação não tinha nada de democrático e era privilégio da minoria de grupos sociais que detinham o poder económico, a burguesia, deixando que os indivíduos “marginalizados” (ou seja, os que viviam à margem dessa burguesia) permanecessem na ignorância. Saviani (1999) defende que a educação surgiu para eliminar essa marginalidade.

professor é encarado como orientador e os alunos como seres livres – neste contexto, valoriza-se a aprendizagem natural, centrada na vivência quotidiana.

### 3. A Escola da Ponte

A Escola Básica Integrada de Aves (São Tomé de Negrelos), situada no distrito do Porto, mais conhecida como a “Escola da Ponte”, é uma instituição de ensino público fundada pelo pedagogo José Pacheco, em 1976, a partir do *Projeto Fazer a Ponte*. O pedagogo José Pacheco, partindo da sua conceção de uma *escola humana, democrática e igualitária* e motivado pela missão de desmitificar o rótulo de *alunos lixo* (forma como eram denominados os que estudavam na escola em 1976), colocou em prática as teorias de educadores como Delwey, Montessori, Paulo Freire e Piaget, dando início ao *Projeto Fazer a Ponte*. Este foi um projeto que atravessou fronteiras e que tem desafiado continuamente o olhar crítico daqueles que encaram o ato de ensinar apenas como uma transmissão de informação do professor ao aluno, não tendo em conta que o aluno é um indivíduo capaz de desenvolver o seu lado crítico.

Operacionalizando um sistema de ensino diferente do tradicional, a Escola da Ponte é um modelo de escola democrática, sonhado e almejado por educadores de todo o mundo. No Brasil, por exemplo, este sistema educacional, existente há 41 anos, tem sido uma constante fonte de inspiração (Morais, 2016).<sup>2</sup>

#### 3.1. Organização pedagógica

É comum ouvir-se dizer que na Escola da Ponte não há “salas de aula”. Para muitos, esta informação diz respeito ao espaço físico – afinal de contas, qualquer *escola* tem salas de aulas e a nossa conceção deste conceito implica a existência de salas com filas de carteiras, quadro, mesa do professor e os alunos sentados a realizar atividades (ou, no limite, caracterizadas por conversas paralelas entre alunos dispersos e pouco interessados).

Não é essa, no entanto, a realidade da Escola da Ponte. Existem salas no sentido físico, mas estas são espaços de aprendizagem com livre circulação, onde alunos e professores trocam experiências e consolidam conhecimento. De acordo com Moraes (2016: 14),

2. A título de exemplo, refira-se que, numa peça jornalística do jornal O Globo intitulada “Colégios brasileiros se inspiram em projeto inovador de Portugal” (também publicado no site em 08/09/14), são apresentados dois exemplos de instituições, localizadas em São Paulo, que adotaram a inovadora proposta pedagógica da Ponte: a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima e a Escola Projeto Âncora (Organização Não Governamental cuja implantação do projeto foi acompanhada pelo próprio José Pacheco, no ano de 2012).

os espaços escolares são ocupados com grande flexibilidade; o professor é, sobretudo, um organizador do trabalho, com forte presença junto dos alunos, mas sem se limitar a dar lições; a aquisição do conhecimento faz-se numa lógica de apropriação e pesquisas.

Na mesma linha, Vasconcellos (2006: 3) defende que

Para entender a Ponte, [...] não podemos esquecer do peso da estrutura curricular, que é outro aspecto que chama a atenção: não haver “salas de aula”, professores e alunos isolados, “aula”, horários fragmentados, séries, reprovação.

Estes espaços de aprendizagem estão divididos por núcleos, isto é, grupos de seis a oito alunos mistos e reunidos em mesas redondas dispostas nas salas que organizam planos de estudos, atividades de pesquisa, enfim, um trabalho coletivo mediado pelo respetivo tutor – ou, nas palavras de Morais (2016), “Orientador Educativo”. O trabalho de divisão em grupos só é diferente com as crianças de quatro e cinco anos, que são organizadas em grupos de 16 alunos, acompanhadas por dois educadores, numa sala ampla, com mobília e material pedagógico apropriados à faixa etária.

Os núcleos são distribuídos de acordo com o nível etário da criança:

- Núcleo da iniciação (I1 e I2 – 6 aos 10 anos);
- Núcleo da consolidação (C1 e C2 – 11 e 12 anos);
- Núcleo do aprofundamento (A1 – 13 a 15 anos).

Todas as quartas-feiras, os tutores e o grupo de alunos do núcleo de que são responsáveis se reúnem para discutir e tomar decisões a respeito do processo ensino-aprendizagem. Cada disciplina tem uma quantidade de tarefas a serem cumpridas. Os alunos desenvolvem o seu trabalho, através de pesquisas autónomas, escolhendo um tema entre as disciplinas do seu plano quinzenal.

Ao acompanhar o dia-a-dia destes alunos, Morais (2016: 48) pôde verificar as diversas formas como fazem estes trabalhos:

Sentados ao chão, encostados a uma parede, quatro rapazes olham um *tablet*. Pergunto-lhe o que estão a fazer. [...] Estão a terminar o trabalho de grupo no âmbito do Dia Europeu das Línguas. Pesquisam na internet por pratos típicos. *Halászlé*. “Vê se têm peixe!”, “E sopa!”, “Metemos esta, tem uma malagueta.”. “Eu gosto de picante!”. Depois procuram por *hurk*, mas só lhes aparecem imagens do super-herói Hulk. Passam ao seguinte.

### 3.2. Recursos digitais

Em termos de recursos digitais, a Escola da Ponte possui rede de *internet* sem fios, computadores à disposição dos alunos, quadro interativo nos espaços de aprendizagem e videoprojetores. Possui também uma plataforma digital, onde é possível que os alunos, no início do ano letivo, façam a escolha do tutor que irá mediar o seu desenvolvimento.

Como se poderá ver na **Figura 1**, na plataforma digital existem hiperligações que promovem a organização do tempo de estudo, a autoavaliação e a solidariedade.

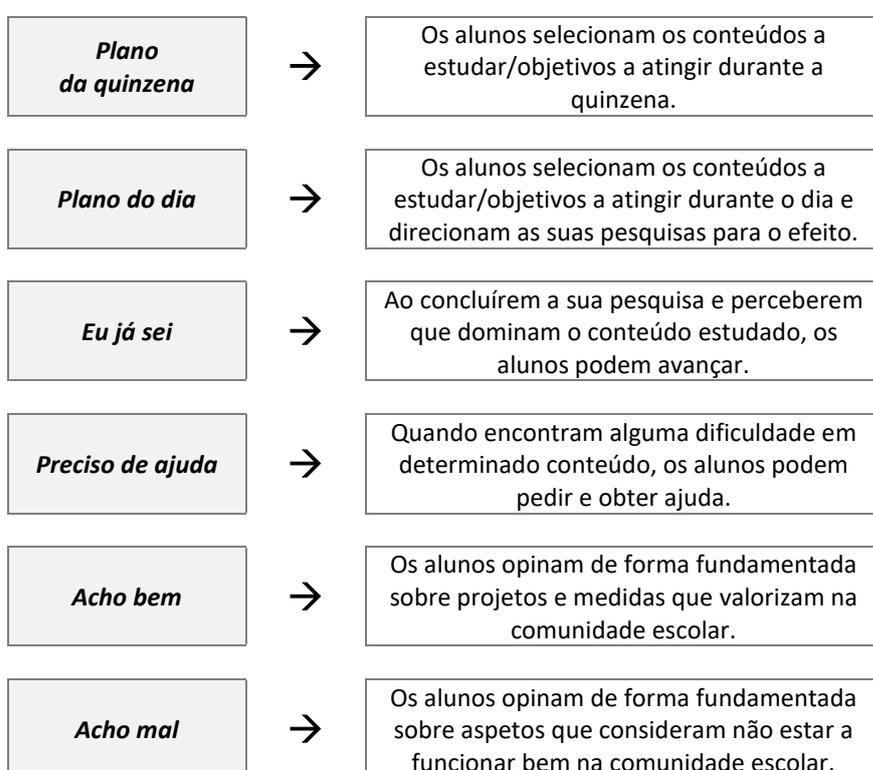


Figura 1 – Funcionalidade das hiperligações da plataforma digital

Analisando as hiperligações da plataforma, não é difícil perceber que na Escola da Ponte os dispositivos digitais resultam da participação ativa dos alunos e são usados em prol da construção da aprendizagem. São ferramentas que valorizam a interação entre alunos e professores.

Esta forma de organização torna evidente a importância que a partilha de conhecimento e a *autonomia* têm no modelo de ensino ministrado. Nesse sentido e referindo-se concretamente ao

funcionamento da Escola da Ponte, Canário *et al.* (2004: 17) salientam que

todos precisamos aprender e todos podemos aprender uns com os outros, quem sabe mais deve ajudar quem tem mais dificuldades, e quem aprende, *[sic]* aprende ao seu modo.

### 3.3. O papel de alunos, professores e pais

Na Escola da Ponte trabalha-se o coletivo. Alunos, professores e pais retratam o verdadeiro sentido de comunidade escolar (o *fazer em comum*), ativo e participativo. Cada um destes agentes desempenha uma função específica, que desenvolve em cooperação com os outros.

As crianças da Ponte, ao trabalharem a autonomia, cidadania e responsabilidade, vão ao encontro da maturidade para lidar com a vida real, num processo evolutivo e constante. Os professores desempenham o papel do profissional enquanto orientador educativo. Os pais atuam ativa e significativamente no ambiente escolar.

#### 3.3.1. A comissão de alunos

O aluno da Ponte não é visto como um simples *tijolo no muro*<sup>3</sup>; pelo contrário, é encarado como a totalidade do projeto. A sua intervenção ativa está presente quer na escolha das áreas/objetivos a serem estudados/atingidos, quer na seleção do tutor que o acompanhará, quer ainda na tomada de decisões a respeito de tudo o que acontece na escola.

A comissão de alunos (ou eleitoral) é formada por seis alunos, dois de cada núcleo. Os interessados em compor a comissão candidatam-se voluntariamente e apresentam propostas que devem ser cumpridas até o final do ano letivo. Assim, no início do ano letivo, os alunos podem fazer campanha e propaganda, desde que sigam as regras e os critérios de respeito e honestidade.

Morais (2016: 33), ao assistir a um processo eleitoral na escola, descreve o processo de eleição nos seguintes termos:

Enumeram-se as regras para a formação das listas e dão-se exemplos práticos de aspetos a que a Comissão Eleitoral terá de estar atenta: não se pode ir ter com um aluno e fazer chantagem; não se pode comprar alunos com promessas do tipo “se votares em mim dou-te uma

3. Tradução do fragmento de uma frase da música “Another brick in the wall”, dos Pink Floyd, integrada no álbum *The Wall*, lançado em 1979 pela Columbia Records.

chiclete”; é preciso retirar a propaganda da escola para se cumprir o dia de reflexão.

Nas assembleias, realizadas todas as sextas-feiras, os membros da comissão de alunos reúnem-se para discutir as problemáticas e aspetos positivos da escola. Podem assistir às assembleias discentes e docentes.

De acordo com os alunos que assumiram o papel de guias na minha visita à Escola da Ponte, as discussões da assembleia do dia 06/10/17 teriam como foco a eliminação das hiperligações “Acho bem” e “Acho mal” da plataforma virtual, com o argumento de que estas secções não têm utilidade. Perguntei-lhes o motivo que os levava à discussão sobre essa questão, e um deles explicou:

Na verdade, “Eu acho bem” é pouco acedido pelos alunos, não costumamos opinar por ele. Na minha opinião e de outros alunos, este espaço deveria ser usado de forma mais útil, mas o “Eu acho mal” tem sido usado de forma errada. Um aluno vai lá e escreve... O X tem magoado os colegas, e não é esta a função do *link*...

Quer a forma como os alunos participam nas secções “Acho bem” e “Acho mal”, quer o este exemplo permitem concluir que a linguagem (escrita e oral) e a argumentação, na Escola da Ponte, são utilizadas em contextos reais de comunicação e têm em vista o exercício da autonomia, da cidadania e o desenvolvimento do espírito crítico. Desse modo, compartilho a opinião de Vasconcellos (2006: 6) ao dizer que um dos aspetos que chamou a sua atenção ao visitar a Ponte foi o facto de que os “Alunos escrevem muito e com muito significado”, não é escrever por escrever, mas ter a capacidade de justificação dos seus argumentos.

### **3.3.2. O professor como orientador educativo**

Ser professor na Escola da Ponte implica, antes de mais, entender que se está a lidar com pessoas, com personalidades, características e tempo de aprendizagem diferentes. A função do docente não é transmitir conhecimento, mas acompanhar o desenvolvimento individualizado.

Cada professor (também denominado de orientador) é tutor de um grupo de alunos, escolhido pelos próprios. Como já foi referido, orientador e alunos reúnem-se semanalmente, para rever temas, mediar o tempo das atividades e refletir sobre as dificuldades encontradas em algum dos conteúdos sobre o qual pesquisam.

Nessas reuniões, os orientadores ouvem a autoavaliação do aluno quanto aos objetivos a cumprir, aos prazos vencidos e esperam uma justificação do não cumprimento das metas de determinada disciplina, propondo estratégias de superação de dificuldades quando necessário. Relativamente aos momentos de tutoria, Morais (2016: 54) afirma o seguinte:

Os momentos de tutoria, mesmo tendo uma dimensão individual bastante vincada, assumem também uma ligação ao coletivo” – de facto, é no tipo de ligação estabelecida com os alunos que alguns tutores sobressaem.<sup>4</sup>

O professor é, portanto, parte integrante do projeto humano da Ponte, estimulador de potencialidades, comprometido com o processo de desenvolvimento do indivíduo como pessoa.

### 3.3.3. Os pais e a comunidade

Ser pai de um aluno da Escola da Ponte significa acreditar, abraçar e contribuir num projeto que se fundamenta na formação do indivíduo como pessoa humana – ou dito de outra forma, que acredita na capacidade crítica, na autonomia e nos valores dos alunos. E quando falamos de valores, sabemos que a família é a principal responsável por eles antes da chegada dos alunos à escola.

Portanto, a presença efetiva dos pais na vida e no ambiente escolar é de extrema importância, por duas razões: por um lado, tornam viável o desenvolvimento social e cognitivo dos alunos; por outro, dada a sua independência e imparcialidade relativamente à hierarquia escolar, contribuem para o sucesso do projeto. Esta conclusão é corroborada pelas palavras de José Pacheco, referidas por Morais (2016: 181):

Aquilo que conseguiu suportar este projeto foram os pais, foi a comunidade. [...] Um professor tem a obrigação de obediência hierárquica: mesmo que não concorde, tem de cumprir. Mas os pais não são professores. E foi essa a grande mudança e diferença em relação ao encontro de autonomia de outras escolas.

## 3.4. Processo de avaliação

A avaliação é feita com base nos documentos de orientação curricular nacionais vigentes, repercutidos no Projeto Educativo da

4. Esta situação foi por mim constatada quando uma das crianças que mediu a minha visita à Escola da Ponte referiu: “alguns professores são tão requisitados para tutoria que temos de esperar para ter vaga no grupo que o professor medeia”.

escola. Se o *Projeto fazer a Ponte* se baseia no indivíduo, no desenvolvimento da cidadania, valores, atitudes e no seu senso crítico, a avaliação não poderia ocorrer de outra forma, senão tendo como base estes pilares.

Os grupos são divididos em núcleos, a que estão associados esquemas de aprendizagem diferenciados pela faixa etária. Segundo Moraes (2016), a passagem de um núcleo é determinada por três fatores: os “Perfis de Transição”; o nível de desenvolvimento atual do aluno e o “Perfil de Saída”.

Os perfis de transição e de saída são estabelecidos com base nos seguintes parâmetros:

- Responsabilidade;
- Persistência e concentração nas tarefas;
- Autonomia;
- Autoavaliação;
- Relação positiva e de ajuda;
- Criatividade;
- Participação e pertinência nas intervenções;
- Autoplanificação;
- Autodisciplina;
- Pesquisa;
- Resolução de conflitos;
- Espírito crítico e decisão fundamentada;
- Conceção e desenvolvimento de projetos;
- Análise e síntese;
- Comunicação e TIC.

Nesta avaliação, o aluno é encarado de acordo com as suas características individuais, o que proporciona o seu desenvolvimento integral. A avaliação existe não para punir ou destacar o aluno que sabe mais ou menos, mas para avaliar a própria metodologia do projeto, que foi criado para formar cidadãos capazes de desenvolver o senso crítico, criativo no meio em que vive progressivamente.

De acordo com Vasconcellos (2006: 7), “Na Ponte a avaliação não se destaca, não chama a atenção, muito embora esteja absolutamente presente.” Partindo deste pressuposto, podemos considerar que a avaliação não tem apenas o intuito de classificar (nem está centrada nos acertos de perguntas com respostas prontas determinadas por materiais didáticos preexistentes), mas é

formativa e contínua, instigando o aluno ao questionamento constante, despertando a busca diária do conhecimento, a fim de aprender a encontrar resoluções de diversos problemas, que não se cingem à escola, mas que também envolvem a vida quotidiana.

#### 4. Considerações finais

Caracterizada pelas noções de *humanidade, cooperação, coletividade e solidariedade*, a Escola da Ponte tem sido um projeto em constante transformação, ao longo dos seus 41 anos de existência.

No ano de 2003, a escola viveu momentos de tensão, quando o Ministério da Educação (ME) ameaçou a sua continuidade. Canário *et al.* (2004) pronunciaram-se em sua defesa (e da escola pública em geral), no livro *Escola da Ponte – Defender a escola pública*. Segundo João de Barros, no capítulo “Defender a escola pública”, a escola pública estava condenada ao fracasso, pois os únicos valores existentes na visão do ME eram a competição e o mercado de trabalho. A Ponte, que funcionava somente até o segundo ciclo do ensino básico, queria expandir-se, mas o seu projeto educativo era questionado pelo ME. Nesse mesmo ano foi feita a primeira avaliação externa para certificação dos resultados obtidos.

Em fevereiro de 2005, a escola teve seu primeiro contrato de autonomia. Já em 2006, Celso Vasconcellos, no seu artigo “Reflexões sobre a Escola da Ponte”, considerava que, entre alguns dos desafios que precisavam de ser revistos para facilitar a continuidade do projeto, estavam a expansão para a educação infantil e uma sistematização mais abrangente, uma ressignificação das convenções. Morais (2016: 95), no capítulo “Quem anda a inovar no ensino?”, refere uma mágoa existente no mentor do projeto *Fazer a Ponte*, o professor José Pacheco, por não ter o reconhecimento no próprio país, acrescentando que a Escola da Ponte é um dos modelos de escola do século XXI. Com efeito, esta é uma escola inclusiva, que acolhe a individualidade de cada aluno. Assertivamente, Morais (2016: 55) constata que “a Escola da Ponte é igual a qualquer outra escola”, com todo o tipo de alunos, dos excelentes aos problemáticos, mas constata que o que a diferencia das outras escolas é que lá não desistem deles.

Os resultados académicos obtidos na Ponte dependem do facto de o projeto ser vivido intensamente por todos os que dele fazem

parte, em função do contexto social em que a escola está inserida. Não se trata simplesmente da junção de teorias e métodos educacionais ou movimentos pedagógicos, mas do empenho de cada um em exercer o seu papel, em articulação com o conjunto de que faz parte.

#### Referências bibliográficas

Canário, R.; Matos, F. & R. Trindade (Org.) (2004). *Escola da Ponte – Defender a Escola Pública*. Porto: Profedições.

Morais, P. (2016). *Voltemos à Escola*. Lisboa: Editora Contraponto.

Piaget, J. ([1969] 1985). *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Saviani, D. ([1944] 1999). *Escola e Democracia: teoria da educação, curvatura, onze teses sobre educação e política*. Campinas, SP: Autores Associados.

Vasconcellos, C. (2006). Reflexões sobre a Escola da Ponte. *Revista de Educação AEC*, 141. Acedido em [http://www.celsovasconcellos.com.br/index\\_arquivos/Page1028.htm](http://www.celsovasconcellos.com.br/index_arquivos/Page1028.htm) (08/03/2018).

[\[Voltar ao Índice\]](#)